

## **COSMOLOGIA DOS INDIOS KARIRI-XOCÓ: A INTEGRAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E SAÚDE**

Ruy Rodrigues Câmara Neto

Mestre pela Universidade Federal da Paraíba, (ruy\_camara@hotmail.com)

Alessandra Gomes Brandão

Docente da Universidade Estadual da Paraíba; (alessandra.gomes.brandao@gmail.com)

### **Resumo**

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa sobre a cosmologia do povo Kariri-Xocó - uma comunidade indígena localizada no município de Porto Real do Colégio, no estado de Alagoas. Esse povo apresenta uma cosmologia que se caracteriza pelo entendimento da vida terrestre regida por algo imensamente maior e mais poderoso que eles – a Origem. Nesse mundo habitado por forças divinas, a reverência dos Kariri-Xocó é manifestada nos mais diversos aspectos da vida social, que tem sua marca ainda mais expressiva em seus rituais religiosos, onde os cantos assume uma centralidade. Conhecer a cosmologia desse povo indígena faz se importante à medida que permite o registro de sua cultura, assim como uso em ambientes de ensino, auxiliando numa melhor compreensão de sua história.

Palavras-chave: Kariri-xocó; cosmologia indígena; sistema social indígena

### **Introdução**

Este artigo apresenta uma discussão sobre a cosmologia da comunidade indígena Kariri-Xocó, resultado de uma pesquisa de mestrado sobre esse povo. Defendemos que pesquisar, registrar e divulgar o conhecimento dos indígenas faz-se extremamente necessário, não apenas para reparar diversas injustiças cometidas com os nativos deste país ao longo da nossa história, mas também porque permite que um número maior de profissionais e estudantes de diversos níveis possa conhecer a riqueza, beleza e resistência da cultura indígena, ampliando o olhar para o respeito a diversidade.

Uma das questões mais emblemáticas do povo Kariri-Xocó diz respeito à sua cosmologia, ou seja, sua forma de ver o mundo. O tipo de “xamanismo” praticado pelos indígenas todo seu sistema social e não apenas o sistema de cura.

Conforme levantado por esta pesquisa, os Kariri-Xocó receberam catequese das missões católicas, o que resultou numa espécie de releitura de suas próprias tradições. Nesta comunidade, seu principal ritual religioso – o Ouricuri – foi reprimido e perseguido.

O ritual deste povo, segundo Vera Lúcia da Mata (1989, p.58), foi combatido pelos sacerdotes católicos, o que levou a sua prática às escondidas pelos índios e, conseqüentemente, tornando-se secreto. Nas entrevistas realizadas na nossa pesquisa, o pajé Júlio Suíra (2015) afirma que na época da catequese os índios encontravam suas formas de se

esquivar de parte das atividades cristãs e de cultuar suas crenças. Alegando que iam caçar, os membros se escondiam na mata para realizar seus rituais.

Para realização desta pesquisa, priorizamos a observação participante, observação direta, com gravações em áudio e vídeo, que permitisse uma melhor observação dessas práticas. Da mesma forma, foram realizadas entrevistas livres e semiestruturadas com os pajés e caciques da aldeia, assim como outros membros da comunidade, com o objetivo de apurar mais informações sobre o tema.

#### Preservação de uma identidade

Durante a realização desta pesquisa, percebemos que o conhecimento dos Kariri-Xocó passa por um momento importante de sigilo, visto que muito se foi perdido e a reconstrução do que restou está em constante alimentação (novos torés são recebidos pelos índios por meio dos entes da natureza).

A preservação desse conhecimento, em geral, se perpetua entre as famílias pela tradição oral. Uma das constatações, nesse sentido, deu-se quando conhecemos a índia Dulcirene. A senhora pratica rituais de cura contra diversos males conhecidos da comunidade: quebranto, mau olhado, espinhela caída, arcas abertas, fé derramada, intestino virado, etc. Sua “técnica de cura”, se podemos chamar assim, começa com a medição do “paciente”, com uma toalha, visto que todo o diagnóstico passa pelo entendimento e ajuste dessa medição.

Dulcirene, uma senhora sorridente, é sobrinha do Pajé Júlio e filha de um conhecido rezador Kariri, chamado de Candará. Seu irmão, Keni (Kenedy), também que é rezador. Segundo relatos dessa família, vários outros membros praticam os mesmos rituais que aprenderam com seus ancestrais. Contudo, a geração mais nova, segundo Dulcirene, não mantém o mesmo interesse, o que a preocupa, uma vez que isso pode enfraquecer o poder de cura das outras gerações. Nesse contato, conhecemos uma boa parte das ervas que utiliza em seus rituais. A maioria trazida da Mata (Ouricuri) e cuidadosamente embrulhados em sacos plásticos.

Em nossa experiência com a Dulcirene e seu irmão Keni, nos submetemos alguns desses rituais de cura. Como não estávamos doentes, apenas pudemos sentir uma sensação boa, de bem-estar. Perguntamos se havia algum custo e ela imediatamente respondeu que não se vende o que se recebeu de graça. Durante o processo, estivemos atentos ao uso dos cantos. Dulcirene entoou vários deles, que apresentavam um sincretismo com palavras

indígenas e nomes de santos católicos. Assim como a maioria dos integrantes do grupo, Dulcirene mostrou um desenvolto uso da voz.

Outra experiência significativa, entre tantas que tivemos na aldeia Kariri-Xocó, foi uma das últimas entrevistas com o então cacique José Tenório, oportunidade em que me apresentou muitos dos remédios, chás e plantas. A explanação daquele senhor de 62 anos – que sempre nos lembrava de que não mostrava aquilo para qualquer pessoa mostrava uma grande intimidade com as plantas, demonstrando também muito da crença em seu sistema de cura. O cacique nos disse que aquilo não é ensinado para nenhum “branco” (não índio), e que aprendeu tudo o que sabe com os índios do grupo.

Ainda de acordo com o cacique o índio é “cismado com o médico” dos brancos. Ele mesmo foi criado tomando chá e ervas medicinais para curar as enfermidades. Disse ainda que ele não usa remédio da farmácia: “cada um se pega com o que se tem, nós temos muitos remédios de curar febre, gripe, pancada, topada, cortes, eu sei remédios para tudo isso” (TENÓRIO, 2015).

Contudo, é importante registrar que na aldeia Kariri-Xocó tem um posto de Saúde (exemplar para os moldes do Nordeste brasileiro), com médicos e enfermeiros e apesar da fala do Cacique, pude ver que lá não existe resistência por parte da população indígena em relação à ida ao posto, inclusive.

Diante disso, podemos dizer que o sistema terapêutico dos Kariri-Xocó envolve pacientes, parentes, membros da comunidade, médicos e os especialistas. A fase de diagnóstico da doença se apresenta como uma etapa primordial, uma vez que a partir dele se inicia uma sequência de ações que levam à cura. “Para isso, é feita uma investigação minuciosa da vida do paciente: quebra de tabu, inimidade e histórico de doenças” (SILVA, 2003, p. 60). A partir disso, decide-se os tratamentos que serão feitos com a medicina tradicional e no sistema dos Kariri-Xocó.

Observamos, portanto, que a cura realizada dentro do tratamento dos Kariri-Xocó não se restringe a uma ou duas rezas, mas que envolve um conjunto de cânticos de cura, rezas, bebidas, chás, garrafadas, plantas fitoterápicas, danças, torés, mesa branca de cura, espelho de cura, caixa de cura, etc.

Em seu sistema de cura, de forma geral, a saúde do corpo está sempre ligada à saúde espiritual. Sendo assim, as doenças são diferenciadas em “de cima para baixo” e “de baixo para cima” sendo que as primeiras atingem a matéria e as segundas atinge o espírito. Diante disso, as doenças “de baixo para cima” não podem ser tratadas pelo sistema médico das

sociedades ocidentais, por não serem conhecidas deles. As doenças “de cima para baixo” podem ser tratadas pela medicina e pelos especialistas como eles.

Conforme nos diz Silva (2003), as causas das doenças supõem uma intencionalidade. Especificamente, as doenças de “baixo para cima”, atingem as pessoas que se encontram de “corpo aberto”. Essa situação de vulnerabilidade pode acontecer durante o período menstrual, durante e depois de relações sexuais e ainda, com a ingestão de bebidas alcoólicas ou mesmo em situação de estresse.

No entanto, os Kariri-Xocó acreditam que o índio não é atingido tão fácil porque os mesmos seriam *fortes*. Essa força viria justamente de seu conhecimento sobre o sagrado e, por isso mesmo, a importância de proteger tão fortemente esse segredo. Contudo, sabem que os índios também podem cair em situações “de corpo aberto”.

As doenças “de cima para baixo” têm sua causa envolvendo forças superiores, logo, tem o consentimento divino para existir, podendo, neste caso, estar relacionado com o portador. Para os Kariri-Xocó uma pessoa que guarda rancor e ódio torna-se frágil e pode ser acometida por alguma doença dessas. Essas doenças devem ser tratadas pela medicina e pelos indígenas especialistas locais.

As doenças de “baixo para cima” tem relação com as questões místicas e possuem uma explicação oposta das doenças de “cima para baixo”. Essas doenças de “baixo para cima” têm relação com forças ocultas do mal. As causas dessas doenças seriam espíritos enviados por feiticeiros, ou mesmo que se aproximam espontaneamente, mas que provocam males físicos e mentais. Conforme observado durante a pesquisa de campo deste trabalho, os pajés são procurados por índios e não-índios para tratamentos de doenças diversas.

O tratamento, contudo, é diversificado, envolvendo, rezas, cantos, uso de medicinas como chás, garrafadas, principalmente as cultivadas no espaço do Ouricuri. Nesse processo de cura, os especialistas mandam a “*coisa feita*” de volta a quem fez ou mandou fazer. As principais doenças “*de baixo pra cima*” citadas por Silva foram: feitiço, olho-mau, espíritos, mãe-d’água, zumbis e vento-mal (*Op. cit.*, 2003).

### **Rituais de cura Kariri-Xocó**

Os Kariri-Xocó preservam em sua tradição alguns rituais como os Torés e o ritual da Jurema, e especialmente o ritual sagrado do Ouricuri (religioso secreto). O ritual do Toré possui duas modalidades: “o Toré “de roupa” é uma forma de folguedo, que pode ser dançado em qualquer festa, com roupas comuns [e o] Toré mais ritualizado, o ‘de búzios’ [que] faz



parte do segredo, mas não é o segredo. Quando dançado, evoca o segredo do Ouricuri” (MATA, 2015).

*A sorte nossa é que temos um ritual sagrado e secreto, o nosso Ouricuri se não tivesse ele agente não era mais índio, nos descaracterizaram todo. O que a sociedade estuda dos índios agente vive 24 horas, agente acredita em reencarnação, nos sonhos. Se agente não acreditar nisso não somos mais índios, é a vida da gente (PAWANÁ, 2016).*

O ritual da Jurema está relacionado com a árvore típica do agreste e que é considerada sagrada pelos Kariri-Xocó. A jurema, de acordo com, Pajé Júlio, especialista em ervas medicinais, possui um princípio ativo curativo que vem sendo utilizado há séculos pelos indígenas do Grupo Kariri.

### **O ritual sagrado do Ouricuri**

O ritual do Ouricuri é o ponto culminante da atividade xamânica entre os Kariri-Xocó (SILVA, 2003, p. 17). A nossa experiência com a comunidade, confirma essa colocação do pesquisador e demonstrou que o mesmo ocupa esse lugar na vida dessa sociedade, por entenderem que por meio do Ouricuri se encontra a solução para as grandes dificuldades da comunidade. Lá são tomadas as grandes decisões, sejam elas relativas à espiritualidade, saúde e até administrativas.

O Ouricuri, pela importância que revela ocupar entre os Kariri-Xocó, nos leva a crer que se caracteriza como princípio organizador do cotidiano grupal. Ordena a estrutura da vida perceptível, vez que contém a ordenação do sagrado, do misterioso, do intangível, daquele reduto da vida indígena que a sociedade nacional não conseguiu dominar (MATA, 2014: 172).

O Ouricuri tem regras e seu descumprimento tem consequências nos diversos aspectos da vida de quem descumpriu. Conforme relata Mata (2015), que pelos relatos teve permissão de acompanhar um desses rituais:

O corpo ritual do Ouricuri se constitui num conjunto de cantos e danças e na ingestão de jurema, infusão feita da entrecasca da raiz desta árvore, posta a macerar para produzir o vinho. O clímax do ritual é o transe resultante do uso da jurema. Neste estado os participantes dizem romper as barreiras entre passado, presente e futuro numa comunhão com seus ancestrais e suas divindades (MATA, 2015).

Os Kariri-Xocó chamam o Ouricuri de “*Matekaï*”. No idioma Iatê (Fulni-ô), a palavra, “*Matekaï*” significa “raiz ancestral” e, também, “segredo” (MOTA, 2002, p.28). De acordo com Silva, o termo é próprio do contexto ritual. “Pelo tom de voz e pelas poucas vezes

que ouvi aquela palavra, a não ser durante as orações, me faz supor que ela é evitada fora do contexto ritual” (*idem, ibidem*, p. 19).

Atribui-se o nome Ouricuri ao ritual e ao local onde se realiza. Querem alguns antropólogos que o nome dado à cerimônia esteja relacionado com a palmeira Ouricuri (*cocos coronata*) “muito importante na economia e na religião dos aborígenes da área” (PIERSON, 1972, t.III, p. 200). Entretanto, os atuais praticantes do ritual, em Porto Real do Colégio, não fazem nenhuma correlação entre o nome dado a sua festa e a referida palmeira (MATA, 2014: 174-175).

Apesar da influência dos colonizadores, que atualmente se apresenta na forma de diversas crenças religiosas, o Ouricuri representa a força e proteção divina do povo Kariri-Xocó. Simbologia, crença, etnicidade são as aspirações que o grupo procura reafirmar a sua cultura ancestral, onde o mágico, o ritual e a cura se fundem em um universo de preservação de sua cultura e etnicidade.

O complexo do Ouricuri é, assim, um modelo simbólico para a reencenação contínua da etnicidade. O ritual secreto fornece um “programa” para organização dos processos sociais e para a elaboração de símbolos culturais (étnicos), fontes extrínsecas de informação, respostas estratégicas e estilizadas para dar sentido e propósito político às situações de tensão face à sociedade nacional. O mágico flui, assim, da preservação do ritual à própria manutenção da comunidade através do significado que atribui aos símbolos étnicos. Desenvolvendo-lhes todo um sentido de eficácia política, transforma-os em instrumentos para conquistas efetivas de um grupo que a ideologia nacional pensava assimilado (MATA, 2014: 199).

A unicidade que o Ouricuri dá a seus participantes é sentida nos dias anteriores da realização do mesmo (segunda quinzena de janeiro), onde observamos a chegada de vários indígenas, de muitas partes do país, notadamente de São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul.

Nas diversas entrevistas para este trabalho, percebemos que a liderança dos Kariri-Xocó se esquivava de qualquer tentativa de aprofundar o assunto sobre o ritual do Ouricuri. Contudo, foi possível levantar que são realizadas cerimônias a cada 15 dias, em que os membros participantes se recolhem no local durante um final de semana (às vezes até a segunda-feira).

De forma semelhante, Mata (2014), relata que durante seu trabalho de campo, era cobrada uma atitude discreta em relação ao segredo do povo Kariri-Xocó. Nas suas palavras, “Havia certo temor de que o mistério pudesse ser desvendado e das consequências que poderiam advir para eles e para nós, se esta revelação viesse a ocorrer” (MATA, 2014: 173).

Tanto nas entrevistas dada a autora, como nas nossas, quando o assunto era o Ouricuri, é comum ouvirmos histórias sobre as consequências assustadoras sobre a curiosidade dos brancos em conhecer os rituais. Como lembra Mota (2014), “Eram contados,

também, casos mais graves de pessoas que teriam enlouquecido ou morrido de “mal súbito” ao tentar desvendar o segredo do Ouricuri. (MOTA, 2014: 173).

A manutenção do segredo, inclusive pelas suas crianças é outro ponto que alimenta o mistério do Ouricuri. “...o silêncio que as crianças índias mantêm a respeito de seu “particular”, nada contando do que ocorre durante o período em que, em companhia dos adultos, se afastam do convívio com as outras pessoas da cidade.” (MATA, 2014: 173).

Os relatos dos membros da comunidade, assim como os registros de outros estudos, dão conta de que os rituais acontecem duas vezes por mês e são realizadas cerimônias mais longas que duram até 15 dias. O local, separado da agitação do dia a dia da aldeia, não conta com energia elétrica e as instalações são coletivas. Uma semana fica a cargo dos Kariri e a outra semana é de responsabilidade dos Xocó. Durante o ano, pelo menos a cada 15 dias, o grupo se reúne para o ritual mais curto. Este é menos obrigatório. Mesmo assim, grande parte da população indígena fica ansiosa por participar deste retiro. É também no Ouricuri que a comunidade se reúne quando decisões importantes precisam ser tomadas. (MATA, 2014: 182-183).



*Figura 22 - A Kariri-Xocó Rosivânia indo ao Ritual do Ouricuri.*

O ritual é realizado em uma área de mata, distante 6km da comunidade. O local também é chamado de Ouricuri. Os Kariri-Xocó se deslocam pra essa área sagrada em seus transportes, como motos, carros e, inclusive, em carroças – visto que ainda é o transporte da maioria, como já atesta Mata (2014). “Por ocasião do ritual de 15 dias as famílias se deslocam para lá, levando pertences e víveres em carroças ou caminhões alugados” (MATA, 2014: 183).

Os rituais indígenas, de forma geral, têm como elemento de centralidade as chamadas plantas de poder. Essa centralidade, no caso dos índios nordestinos, está relacionada ao uso ritualístico da jurema (*Mimosa hostilis*). Não foi possível conhecer o tipo de jurema que os Kariri-Xocó utilizam no ritual. No Nordeste, é largamente conhecida a jurema branca e a jurema preta, sendo esta última, a mais usada em rituais indígenas, na Umbanda e no Candomblé. O etnomusicólogo Sandro Salles (2004), ao estudar os juremeiros de Alhandra (PB) afirma que, “a planta considerada sagrada em Alhandra é a *Mimosa tenuiflora*[...], jurema-preta, que pertence à família das *mimosaceae*” (2004, p.108).

Em entrevista, o indígena Thydjo nos informou:

*A gente tem 5 espécies de jurema: branca, preta, de espinho - para trabalhar com ela [a de espinho] é preciso ter muito cuidado, dependendo do preparo é arriscado de ela poder deixar a pessoa fora [sob efeito da planta] por muito tempo, - vermelha e a jurema de caboclo. [Esta] não se usa feitiço com a raiz só as folhas (THYDJO, 2016).*

Não à toa, alguns pesquisadores relacionam a planta ao ritual do Ouricuri. Essa inferência à jurema não é sem razão, uma vez que outros rituais religiosos abertos a não índios utilizam o vinho da referida planta - além do que a jurema preta tem grande importância no conhecimento etnobotânico das comunidades indígenas do Nordeste. Sendo assim, a presença da bebida no ritual sagrado do Ouricuri poderia ter o papel de fortalecer os membros Kariri-Xocó para a prática da cura realizada nos ambientes externos ao espaço sagrado do ritual secreto.

Pelos relatos dos membros da comunidade, o ritual sagrado do Ouricuri dá ao Kariri-Xocó um sentimento de orgulho, de pertencimento. Como observamos no dia a dia da aldeia, ele permeia a vida do indígena e forma o elo na vida cotidiana material com a vida espiritual dos indivíduos, unindo-os e dando uma ressignificação tanto individual como coletiva. Segundo Pajé Júlio Suíra (2014), as lutas internas são esquecidas, pois a conexão com ancestralidade passa a falar mais alto, a unicidade do grupo se torna mais forte, sua força e sua cura manifestam-se no seu apogeu.

Essa visão a respeito do Ouricuri também é compartilhada por Mata (2014), ao afirmar que:

Por conseguinte, as diferenças Kariri-Xocó são esquecidas no Ouricuri. Embora numa semana se reverenciem os troncos Kariri e na outra os ancestrais Xocó, um grupo conhece o segredo do outro. Além disso, a maior parte das pessoas tem ancestrais dos dois grupos a reverenciar. Esse aspecto é muito importante para manter Kariri e Xocó ideologicamente unidos, apesar das diferenças existentes a nível da comunidade, isto é, do mundo leigo. Evidentemente o Ouricuri opõe (e impõe-se), enquanto taba sagrada,



ao espaço profano da aldeia. É ele que dá um significado especial à terra, enquanto território carregado de significado simbólico, onde se fazem presentes suas divindades e seus antepassados (MATA, 2014: 188-189).

O pajé Suíra nos disse que: “O Ouricuri é um idioma secreto, é dos Kariri-Xocó” (SUÍRA, 2015). De fato, essa linguagem vai decidir, inclusive, se um índio será legítimo entre os Kariri-Xocó, uma vez que o indivíduo tem que para isso, a obrigação de participar ativamente do Ouricuri. Cunha (2008) atesta a relação entre o Ouricuri e o significado de ser filho da aldeia. Segundo esse autor:

Representa, além de ter sido aceito na aldeia como *filho legítimo* desta ancestralidade através do batismo, não importando que seu fenótipo seja branco ou negro ou que seus pais sejam *misturados*, esse indivíduo *terá ainda que frequentar o Ouricuri*, fazer suas obrigações e ter responsabilidade com o segredo da tribo (CUNHA, 2008, p.30).

### **O uso ritual da jurema**

O uso ritual da Jurema está diretamente ligada ao ritual do Ouricuri, e ouvimos relatos em entrevistas do uso da mesma em outros rituais do povo Kariri-Xocó. A jurema é uma árvore típica do Nordeste brasileiro, muito usada em pajelanças, rituais de cura, tanto por povos indígenas quanto por adeptos ao candomblé e das religiões afro. De acordo com Pinto (1995), desde a chegada dos viajantes do Brasil colônia, dos jesuítas, que se conhece o culto da jurema entre os indígenas.

Ou seja, a jurema é uma bebida utilizada nos rituais espirituais há muitos séculos, sendo também preparada em um contexto de retiro espiritual, com rezas e canções de cura. Nas diversas oportunidades que tive de participar de feitiço da jurema, testemunhei uma forte ritualística para sua preparação. Salles (2004) ao tratar do culto da jurema, a define:

Como um complexo semiótico, fundamentado no culto aos mestres, caboclos e reis, cuja origem remonta aos povos indígenas nordestinos. As imagens e símbolos presentes neste complexo remetem a um lugar sagrado, descrito pelos juremeiros como um ‘Reino Encantado’, os ‘Encantos’ ou as ‘cidades da Jurema’ (SALLES, 2004, p.101).

Os cultos da jurema estão difundido por diversos lugares. Juremeiros urbanos, religiões afro-brasileiras com seu panteão de entidades utilizam a jurema em contextos urbanos e rurais, envolvendo diferentes grupos étnicos. Como nos diz Brandão e Rios (2001):

Este culto se difundiu dos sertões e agreste nordestino em direção as grandes cidades do litoral, onde elementos de outras matrizes étnicas entraram em cena. Desse modo o símbolo da árvore que liga o mundo terreno ao além, e, embora amarga, dá sapiência aos que dela se alimentam, ganha novos

significados, surgindo um mito com traços cristãos (BRANDÃO; RIOS 2001, p.161).

Especialmente dentro do povo Kariri-Xocó, o uso da jurema ocupa lugar central, uma vez que a mesma é responsável por conferir o “poder” do ser Criador ao povo Kariri-Xocó. O trabalho de Clarice Novaes da Mota, realizado em 1989, se apresenta como um dos poucos que conseguiram explorar mais detalhadamente o ritual do Ouricuri e o uso da jurema nesse ritual. Desde lá, a preocupação em manter o segredo tem sido cada vez mais presente nos diálogos que tentam explorar maiores detalhes com a liderança. Sendo assim, segundo apurou Mota (1996, p. 278), esse poder, conferido pela jurema, é mais importante que o um posto político ou mesmo dinheiro, já que é “ uma forma de auto defesa comunitária da dominação intelectual e capitalista”.

#### Considerações:

Como vimos na Cosmologia dos Kariri-Xocó muito resistência foi empregada para preservar minimamente as suas tradições. Contudo, as políticas afirmativas em relação aos povos indígenas têm permitido uma reorganização das tradições deste povo.

A cosmologia dos Kariri-Xocó permite uma ligação com sua origem por meio de seus rituais. O xamã (pajé) tem um acesso diferenciado com a jurema, apesar de todos comungarem da mesma bebida, que permite experiências psicodélicas (auditivas e visuais). O pajé consegue compreender as mensagens de forma clara e sabe executá-la. Como explicou Langdon (1989 p 12), ao falar em planta de poder, “o uso de substâncias psicoativas, em rituais, possibilita uma instância em que o imaginário se torna realmente real. Sendo assim, não é arriscado dizer que a jurema se faz presente nesses rituais, podendo ser vista e ouvida pelos participantes. Os cantos entoados pelos Kariri-Xocó assumem importante papel nesse encontro sagrado ao serem os responsáveis pelo apelo para que Jurema se faça presente e possa “conversar” com seus filhos.

#### Referências:

CUNHA, Leonardo Campos Mendes da. Toré – da aldeia para a cidade: música e territorialidade indígena na Grande Salvador. *Dissertação* (Mestrado em Música – Etnomusicologia). Universidade Federal da Bahia, 2008.

ELIADE, Mircea. – *O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*, 2.ed. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés e Ivone C. Benedetti, Martins Fontes, São Paulo, 2002 [1951]

FERNANDES. Saulo Conde. Xamanismo e Neoxamanismo no circuito do Santo Daime. In:

FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Dados sobre a população indígena no Brasil. Recenseamento das Populações Indígenas do Estado de Alagoas e Sergipe. 2001.

FUNAI/AER-Maceió. Disponível em [HYPERLINK "http://www.funai.gov.br/"](http://www.funai.gov.br/) [HYPERLINK "http://www.funai.gov.br/"](http://www.funai.gov.br/). Acesso em 01 de setembro de 2015.

GRÜNEWALD Rodrigo de Azeredo. Toré e jurema: emblemas indígenas no Nordeste do Brasil. Revista Ciência e Cultura. v.60, n.4, São Paulo, Outubro, 2008. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000400018> Acesso em: 21 de novembro de 2015.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO – 1922 – Dicionário histórico e etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro , v. 1.

LANGDON, Esther Jean. Xamãs e xamanismos: reflexões autobiográficas e intertextuais sobre a antropologia Ilha Revista de Antropologia. UFSC, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2009v11n1-2p161>. Acesso em 21 de novembro de 2015.

MATA, Vera Lúcia Calheiros. Kariri-Xocó. Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <http://piib.socioambiental.org/pt/povo/kariri-xoko/print>, Acessado em: 03/12/2015.

MATA, Vera Lúcia Calheiros. A Semente da Terra. Rio de Janeiro. 1989, 360 p. Tese ( Doutorado em História dos Índios Cariri-Xocó em Porto Real do Colégio ) Universidade Federal do Rio de Janeiro .

MATA, Vera Lucia Calheiros. A semente da terra: identidade e conquista territorial por um grupo indígena integrado – Maceió : EDUFAL, 2014. 389.:

MOTA, Clarice Novaes da Xocó mode of utilization of medicinal plants in the context of modern Northeast. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Austin: University of Texas, 1987.

MOTA, Clarice Novaes da. As Jurema told us; Kariri-Shoko and Shoko mode of utilization of medical plants in the context of modern Northeastern Brazil. S. 1., 1987, The University of Texas (repro.)

MOTA, Clarice Novaes da. Sob as ordens da Jurema: o xamã kariri-xocó. In: Xamanismo: novas perspectivas. LANGDON, Esther Jean. (org) Editora da UFSC. Florianópolis. 1996.

MOTA, Clarisse Novaes da. Os Filhos da Jurema na floresta dos espíritos: Ritual e cura entre dois grupos indígenas do nordeste Brasileiro. Ed. EDUFAL.2006

NATUYÊ, Ivanildo. Entrevista concedida a Ruy Rodrigues Câmara Neto, Porto Real do Colégio, 2016.

NHENETY, José Nunes. Entrevista concedida a Ruy Rodrigues Câmara Neto, Porto Real do Colégio, 2015.

PAWANÃ CRODI. Entrevista concedida a Ruy Rodrigues Câmara Neto, Porto Real do Colégio, 2016.

REESINK, Edwin.” O Segredo do Sagrado”. Trabalho Apresentado na ANPOCS Regional, Maio de 1995, João Pessoa-PB.1995, p.34.

RODRIGUES, José. Depoimento. Entrevista concedida a Ruy Câmara. Porto Real do Colégio, 2015.

SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da Jurema: a tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 8, volume 15(1): 99-122 2004.

SANTOS, Fabrício Lyrio. Da Catequese à Civilização, colonização e povos na Bahia (1750-1800) Salvador. Universidade federal da Bahia, 2012.

SILVA, Christiano Barros Marinho da. “*Vai-te pra Onde não Canta Galo, Nem Boi Urra...*”: diagnóstico, tratamento e cura entre os Kariri-Xocó (AL). Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

SUÍRA, Júlio Queiroz. Depoimento. Entrevista concedida a Ruy Câmara. Porto Real do Colégio, 2015.

TAWANÃ. Entrevista concedida a Ruy Rodrigues Câmara Neto, Porto Real do Colégio, 2016.

TENÓRIO, José. Depoimento. Entrevista concedida a Ruy Câmara. Porto Real do Colégio, 2015.

THYDJO. Entrevista concedida a Ruy Rodrigues Câmara Neto, Porto Real do Colégio, 2016.

TKAYNÃ. Entrevista concedida a Ruy Rodrigues Câmara Neto, Porto Real do Colégio, 2015.

KARIRI- XOCÓ. O ritual do Ouricuri e a dança do Toré. Disponível em:

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kariri-xoko/680>. Acesso em 21 de novembro de 2015.

WYANÃ UIA-THÊ. Kariri-Xocó. <https://sites.google.com/site/wyanakaririxoco/Wyana/tore>. Acesso em 3 de novembro de 2015.